

Yves Lacoste (1929-2026): percurso biográfico e intelectual

Víctor Daltoé dos Anjos^{ORCID}

Universidade de São Paulo

São Paulo, São Paulo, Brasil

victordaltoe@gmail.com

RESUMO

Célebre pela obra *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre* (1976), o geógrafo francês Yves Lacoste morreu em junho de 2026, um autor cuja trajetória biográfica e intelectual foi marcada pelo resgate da geopolítica na França, principalmente após a fundação da revista *Hérodote*, periódico que já completa meio século. Da geografia do subdesenvolvimento, Lacoste partiu para os temas da escala, da guerra e da política, na busca por recolocá-los no centro de interesse de seu saber, ampliando o campo da geograficidade. O resultado foi uma abordagem voltada às disputas de poder sobre o território, e atenta às representações engendradas pelos atores rivais, principalmente aquelas relacionadas à nação e ao nacionalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Yves Lacoste; geopolítica; geografia; escalas.

*“Il n’y a pas de géographie sans drame”*Jean Dresch¹

Yves Lacoste, que liderou a formação de uma nova escola de geopolítica na França no último quarto do século XX, morreu aos 96 anos em 20 de junho de 2026, no seu apartamento de Bourg-la-Reine, nos arredores de Paris. Durante mais de meio século, Lacoste buscou recolocar o campo da política no centro de interesse dos geógrafos e convencer a opinião pública sobre a importância de seu ofício, além de analisar de modo crítico as representações sobre o território que povoam o imaginário coletivo. Seu célebre livro *La géographie, ça sert, d’abord, à faire la guerre* (1976), cujas ideias foram revisitadas pelo autor nas edições posteriores, exprimiu o clamor por uma geografia útil aos cidadãos, incluindo a proposta de raciocínio multiescalar que serviu como fio condutor de sua profícua atividade intelectual até a década de 2010.

Uma recente edição da revista trimestral *Hérodote*, criada em 1976 por Lacoste, que a dirigiu durante três décadas, marcou a efeméride de 50 anos do periódico com uma homenagem ao seu fundador. Com base no editorial de Béatrice Giblin (2026, p. 6-7), que comanda a publicação desde 2006, e em vários textos de Lacoste (1976b; [1980] 1984a; [1984] 2026; [1993] 1995; 2012), é possível depreender quatro pilares de sua “geopolítica”: o raciocínio geográfico fundado na análise multiescalar, o raciocínio histórico que considera os “tempos longos” e “curtos”, o foco na política como campo de estudos e a atenção às representações territoriais veiculadas pelos atores². O resultado é um saber voltado aos movimentos de uma realidade sempre dramática.

No cenário de banalização do termo geopolítica e do seu uso como artifício retórico, tal qual alerta Foucher (2010, p. 4-7), Lacoste compreendia o campo como o estudo das rivalidades de poder sobre o território e das representações forjadas pelos atores políticos, o que exprime um olhar atento aos seus âmbitos simbólico e imaginário ([1993] 1995, p. 1-6)³. Lacoste também se voltou às disputas na escala local – sem localismo –, utilizando o fio

1 A fórmula “não há geografia sem drama” intitula uma entrevista de Dresch a Yves Lacoste publicada pela revista *Hérodote* (Dresch & Lacoste, 1984, p. 33).

2 O interesse pelo campo das representações geográficas, como aquelas ligadas às nações e religiões, possui um longo histórico na geografia política, como pode ser verificado em Ratzel ([1897] 1988, p. 60-66).

3 Foucher ([1988] 1991, p. 33-35) propôs outra abordagem sobre a geopolítica como método de análise e como representação, enquanto Rosière (2001) sugere uma espécie de divisão do trabalho entre geografia política, geopolítica e geoestratégia.

da meada dos conflitos para reunir aspectos das geografias física e humana, e sempre reiterando o papel do Estado e das representações sobre a nação. Deste modo, o que propôs como raciocínio geopolítico não envolvia apenas os embates entre grandes potências nem se rendia às explicações monocausais nutridas pelo economicismo.

Infelizmente, a maior parte dos escritos de Yves Lacoste não foi traduzida para a língua portuguesa, muito menos os livros posteriores à criação da revista *Hérodote*, que expressaram uma nova abordagem geopolítica⁴. Assim, corre-se o risco de restringir a obra do geógrafo aos estudos sobre o subdesenvolvimento e ao seu livro mais notório, de caráter um tanto demolidor, sem atentar para a construção ulterior de uma perspectiva que ampliou o campo da “geograficidade” (1982c, p. 191). Textos como *Vive la nation* (1997) e *La question post-coloniale* (2010a), por exemplo, contribuem com debates atuais ao expressar tanto a crítica ao nacionalismo como a postura desconfiada em relação ao que se costuma chamar de “estudos decoloniais”, sem deixar de pôr em relevo os dramas dos processos de colonização e libertação nacional.

Talvez a melhor homenagem que se possa fazer a Lacoste é dar voz ao próprio autor, lendo e traduzindo seus textos. A seguir, há um relato do percurso biográfico e intelectual do geógrafo com base em seus testemunhos – mas também nas pesquisas de Costa ([1991] 2013), Claval (2000), Pedrosa (2013), Verdi (2017), Anjos (2021; 2022a,b) e Ribeiro Júnior (2023a,b,c). O objetivo é instigar o interesse por alguém que sublinhou, diversas vezes, o quanto a geografia não serve somente para fazer a guerra. É um saber essencial na construção da democracia, um instrumento de poder para os cidadãos, e uma lente para perscrutar o que há de belo na paisagem – e o que não se revela ao olhar.

ECOS DO MAGHREB

Yves Lacoste nasceu em Fez, no Marrocos Francês, em 1929, mas passou a infância em Rabat, cidade transformada por Paris em sede do sultanato durante o domínio colonial (1912-1956). Seu pai era o geólogo Jean Lacoste, que

4 O último livro de Lacoste traduzido no Brasil foi *Contra os anti-terceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas* ([1985] 1991). No século XXI, foi vertida para a língua portuguesa uma série de entrevistas do autor publicadas sob organização de Cláudio Zanotelli (2005) – edição que inclui a introdução do *Dictionnaire de Géographie: de la géopolitique aux paysages* (2003) –, além de vários artigos; ver Lacoste ([1976] 2020; [1962-1968] 2026; [1984] 2026). Em Portugal, houve uma tradução mais recente de *Géopolitique de la Méditerranée* (2006).

havia chegado ao Maghreb junto da esposa, Georgette Lacoste-Petit, com a missão de desenvolver uma tese ligada ao Museu de História Natural acerca das colinas que bordejam a Cordilheira do Rif, na fronteira com o Marrocos Espanhol (Lacoste, 2018a, p. 13-21). Todavia, o Lacoste pai acabou tornando-se geólogo-chefe de uma sociedade de capital franco-belga, interessada em descobrir eventuais jazidas de petróleo na região, e também do escritório oficial que avaliava concessões de mineração no protetorado.

A infância de Yves Lacoste teve fim com o retorno da família à França para tratar a tuberculose que tirou a vida de seu pai, no início da Segunda Guerra Mundial. Primogênito e vivendo com a mãe e os dois irmãos na estufa de pavor da França ocupada pelos nazistas, o jovem Lacoste conviveu com Pierre George, o professor que se tornaria um de seus mestres na academia (Lacoste, 2018a, p. 21-31). Jean Dresch, a outra figura marcante na carreira do futuro geógrafo, e que havia conhecido seu pai no Marrocos, já aliava na época o interesse pela geomorfologia com uma postura anticolonial, temperando a geografia na teoria com a política na ação (Dresch, 1979).

Em 1948, Yves Lacoste ingressou no Instituto de Geografia da Universidade de Paris, ainda unificada, onde aproximou-se de estudantes comunistas, interessou-se pela geomorfologia e conheceu a futura etnóloga Camille Dujardin, que se tornaria sua esposa (Lacoste, [2012] 2014, p. 16; 2018a, p. 41-48). Ora, e a geografia política? Na época, o campo fundado por Friedrich Ratzel ([1897] 1988), buscando ler geograficamente o Estado, fora marginalizado pelos geógrafos franceses em meio à rivalidade entre Berlim e Paris (Foucher, [1988] 1991, p. 22-25). A instrumentalização da *Geopolitik* pelos nazistas reafirmou o tabu no pós-Segunda Guerra, como destaca Martins (1992, p. 10-11), ainda mais com a morte de Albert Demangeon e Jacques Ancel durante o conflito, justamente os pioneiros de uma corrente francesa de geografia política/geopolítica⁵.

Yves Lacoste e Camille Dujardin partiram rumo ao Marrocos com o intuito de aprofundar suas pesquisas mirando na *agrégation*, a permissão para a docência (Lacoste, 2018a, p. 52-60). Os dois voltaram à França em 1950, casaram-se e planejaram retornar ao protetorado francês para desenvolver suas *thèses d'État*, mas foram dissuadidos por Jean Dresch, que considerava a Argélia mais “calma” no contexto da efervescência anticolonial marroquina

⁵ Leituras que demonstram as nuances, complexidade, seriedade e rigor da obra de Ratzel podem ser verificadas em Korinman (1990), Martins (1992) e Seemann (2012).

(Lacoste, 2010b, p. 55). Assim, entre 1952 e 1955, Yves Lacoste lecionou no Liceu Bugeaud, em Argel, período em que lhe foi despertado o interesse pelo historiador árabe medieval Ibn Khaldun (1332-1406), com sua teoria cíclica sobre a ascensão e queda de potentados.

No horizonte de Lacoste estava o projeto de uma tese de geomorfologia sobre o maciço da Grande Cabília, com especial interesse pela cadeia montanhosa de Djurdjura, enquanto era a cultura cabila, ramo do povo berbere/amazigh, que interessava a Camille Lacoste-Dujardin (Lacoste, 2018a, p. 69-78). Ou seja, geopolítica em segundo plano.

Lacoste afirma ter sido dispensado do liceu em Argel pois um artigo seu sobre Ibn Khaldun foi publicado em uma revista ligada ao Partido Comunista Argelino (PCA), ortodoxo como o seu homólogo francês (2010b, p. 58; 2018, p. 76). Logo, quando o líder soviético Nikita Krushev realizou o discurso de fevereiro de 1956, anunciando o Degelo, Lacoste já estava de volta à França sem saber que logo eclodiria o período mais devastador da Guerra da Argélia (1954-1962). Em seguida, tornou-se assistente de geografia humana de Pierre George, mas sua experiência maghrebina foi significativa na sua aproximação com os debates sobre o subdesenvolvimento e no interesse redivivo pela obra de Ibn Khaldun, como analisado por Ribeiro Júnior (2023a).

Em 1956, a revista *La Pensée* publicou um artigo de Lacoste e André Prenant (1956) em que os autores apontaram os principais desafios enfrentados pelos argelinos, como o alto crescimento demográfico, e defenderam a independência política como o principal meio para impulsionar o desenvolvimento da nova nação. Era uma posição divergente à do Partido Comunista Francês (PCF), que votou favorável aos “poderes especiais” concedidos às Forças Armadas face à rebelião anticolonial, em 1956, o que fez Lacoste se afastar do partido (Zanotelli, 2005, p. 57-58; Lacoste, 2018a, p. 86-88). Junto de Prenant e André Nouschi, foi coautor do livro *L'Algérie: Passé et Présent* (1960), e depois realizou um estudo aprofundado sobre Ibn Khaldun (Lacoste, [1966] 1981) e sua contribuição para compreender as causas do subdesenvolvimento⁶.

Em meio à cisão Leste-Oeste da Guerra Fria, era a clivagem planetária entre desenvolvimento e subdesenvolvimento que mais atraía a atenção de Lacoste.

⁶ Análises que ressaltam os artigos de Lacoste sobre a Argélia podem ser encontradas em Pedrosa (2013, p. 143); Anjos (2022a, p. 53-59, 180-181); e Ribeiro Júnior (2023b, p. 291-304).

GEOGRAFIA E TERCEIRO MUNDO

A noção de Terceiro Mundo ocupou um papel central na obra de Lacoste entre as décadas de 1950 e 1960, quando seus estudos sobre o subdesenvolvimento lhe renderam notoriedade internacional. Após a publicação de *Les pays sous-développés* ([1959] 1960) e *Géographie du sous-développement* (1965), suas viagens de campo ao Alto Volta (atual Burkina Faso) e ao Afeganistão salientaram a importância do ofício geográfico nos projetos de desenvolvimento, dada a necessidade de levar em conta as diferentes situações nacionais, regionais e locais (Lacoste, 1967; [1962-1968] 2026). O problema da escala já estava no radar do geógrafo, mas sem aproximação com o campo da geografia política, que definhava na França apesar da publicação pela editora Armand Colin de *La politique des États et leur géographie* (1952), de Jean Gottmann, que vivia nos Estados Unidos⁷.

O termo Terceiro Mundo é uma metáfora do economista Alfred Sauvy, criada em 1952 com base no Terceiro Estado da França pré-revolucionária, com o intuito de refletir sobre a posição dos países periféricos em meio à bipolaridade da Guerra Fria (Lacoste, [1980] 1984, p. 14-19). A figura de linguagem foi a primeira representação geográfica analisada em suas origens e atributos por Lacoste (1965, p. 11-25), um procedimento depois replicado na *Hérodote* ao reforçar o interesse pelo imaginário espacial difundido pelos atores políticos. Além de enfatizar a historicidade da noção de Terceiro Mundo e associá-la ao subdesenvolvimento em nome do rigor conceitual, o geógrafo reiterou com frequência a diversidade do conjunto para desviar-se das generalizações.

O subdesenvolvimento era um fenômeno recente, segundo Lacoste ([1959] 1960, p. 48-76), distinto da pobreza e vinculado ao processo de modernização das sociedades extraeuropeias, posição com a qual o geógrafo afastou-se das explicações de teor determinista e racista. O conceito seria definido pelo contraste entre alto crescimento demográfico e a quantidade limitada de recursos para abastecer a crescente população (idem, p. 28-47), tendo como base em postulados oriundos de Raymond Aron, tal qual destaca Anjos (2022a, p. 63-64), mas também de Joseph Schumpeter e teóricos do desenvolvimento, como Ragnar Nurkse. Lacoste flertou com o neomal-

⁷ O problema da escala já estava entre os interesses de Lacoste, e se tornaria central em sua obra com o passar das décadas, mas é preciso cuidado para não sucumbir à “mitologia da coerência”, sobre a qual alerta Skinner ([2002] 2005, p. 85), quando atribui-se à trajetória dos autores uma suposta congruência que ignora a importância dos reveses e rupturas.

thusianismo na avaliação de Ribeiro Júnior (2023b, p. 194; 207-208), mas o geógrafo reconheceu posteriormente seu desvio do marxismo, sem pesar (Lacoste, [2012] 2014, p. 25).

Sob o olhar retrospectivo de Lacoste ([2012] 2014, p. 33), seu *terrain* no Alto Volta em meados da década de 1960 significou um exemplo concreto de eficácia do raciocínio geográfico para compreender uma situação de subdesenvolvimento, investigando o entrelaçamento entre fenômenos físicos e humanos em escalas diversas. Ancorado na ideia de “combinação geográfica”, de André Cholley, Lacoste ([1980] 1984, p. 193-299) avaliou as condicionantes que causavam o contraste entre a existência endêmica da oncocercose no vale do Volta Branco e a sua ausência no vilarejo de Nyao-gho. Levou em conta desde o nível local à escala do Golfo da Guiné, e relacionou a questão sanitária com as rivalidades políticas pré-independência por meio das devidas mediações demográficas.

O interesse de Lacoste pelo subdesenvolvimento era a sua principal contribuição a um projeto capitaneado por Pierre George, a Geografia Ativa, que despontou face à chamada Geografia Aplicada, acusada de conduzir à proletarianização dos geógrafos e à captura de seu saber por uma minoria de poderosos (Lacoste, [1976] 2014, p. 171-176). Para Claval (2000, p. 243), a Geografia Ativa ampliou o rol de questões exploradas pelos geógrafos, incluindo os temários urbano e industrial, mas sem ruptura epistemológica com a geografia de antanho, substituindo o “gênero de vida” pelo “modo de produção” como noção central. Posteriormente, Lacoste (1982c, p. 208; [2012] 2014, p. 27) afirmou que a Geografia Ativa foi fundamental para sua obra posterior e alargou o campo de interesses dos geógrafos, mas preteriu mesmo assim o tema do Estado e da política.

Lacoste submeteu certos usos das noções de subdesenvolvimento e Terceiro Mundo ao fogo da crítica na nova edição de sua *Géographie du sous-développement* (1976d), analisada por Ribeiro Júnior (2023c) e, principalmente, na primeira parte de *Unité et diversité du tiers monde* ([1980] 1984), sua *thèse d'État* estudada por Anjos (2022a). Afinal, havia um contraste evidente entre as análises multiescalares de Lacoste e as simplificações do terceiro-mundismo, que via o amplo conjunto geopolítico que lhe dá nome como uma espécie de Prometeu Global. O papel das elites dos países subdesenvolvidos nas causas de seus dilemas era mascarado, segundo o geógrafo, pela “alegoria espacial” centro-periferia, tema aprofundado em *Contra os anti-terceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas* ([1985] 1991) (Anjos, 2021).

As críticas de Lacoste ao terceiro-mundismo – sem abrir mão do conceito de subdesenvolvimento, da noção de Terceiro Mundo e da crítica ao imperialismo – devem ser compreendidas em uma nova fase de sua trajetória intelectual, ligada à fundação da revista *Hérodote*, em 1976. Os estudos sobre o subdesenvolvimento ficaram para trás em nome de um projeto editorial que interrogava os conceitos e práticas de uma geografia considerada desinteressante por estudantes e cidadãos em geral, ignorando seu caráter estratégico e político. A “guerrilha epistemológica” foi deflagrada, mas apenas depois de Lacoste tornar-se professor no *campus* universitário de Vincennes, em 1969, e do seu *terrain* decisivo no Vietnã do Norte (Verdi, 2017).

HÉRODOTE: GEOGRAFIA E GEOPOLÍTICA

Yves Lacoste realizou sua primeira revisão crítica do pensamento geográfico no texto *A Geografia* ([1973] 1974), como afirma Verdi (2017), uma prévia das ideias difundidas no primeiro número da *Hérodote* (Lacoste, 1976a) e no livro *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre* (1976b). Professor no *campus* de Vincennes, criado no contexto turbulento do pós-1968, Lacoste refletiu sobre a epistemologia da geografia em parceria com François Châtelet e lidou com estudantes que viam-na como um saber despolitizado e definido pela insígnia da memorização (Lacoste, [2012] 2014, p. 35-37). Urgia propôr um novo método geográfico com o intuito de fazer frente à imagem de um saber em aparência inútil, e para atrair jovens cada vez mais interessados nas *actualités*.

Em *A Geografia*, Lacoste ([1973] 1974) argumentou que a rarefação das reflexões epistemológicas pelos geógrafos relegava seu ofício à escala regional como pensada por Paul Vidal de la Blache, compreendendo as regiões como sínteses harmônicas de atributos humanos e físicos que se completavam no “corpo da pátria” ([1973] 1974, p. 248-250; 1976b, p. 49-60). A região seria um conceito-obstáculo, segundo o geógrafo. O autor também realizou uma autocrítica aos seus estudos sobre o subdesenvolvimento, mirando na Geografia Ativa e no marxismo, pois seu travo economicista negava o projeto unitário do seu campo de saber, e repreendeu aqueles que se mantinham alheios às mudanças sociais e políticas por meio da geografia eminentemente física.

Ou seja, no contexto internacional em que proliferavam regimes de partido-único, Lacoste se voltava à crítica da escala-única, seja a região vidaliana ou o Terceiro Mundo, em defesa dos múltiplos níveis de análise para compreender a diferenciação espacial, destacando o valor da cartografia para o ofício do

geógrafo. Cabe recordar que, na mesma época, segundo Costa ([1991] 2013, p. 249-252), outros autores se lançaram à renovação do estudo das relações entre território e poder, com destaque para André-Louis Sanguin (1977), Paul Claval (1978), Claude Raffestin ([1980] 1993) e Paul Allières (1980)⁸.

Contudo, o evento que levou ao *tournant* intelectual de Lacoste foi sua investigação sobre os bombardeios americanos no delta do rio Vermelho, no Vietnã do Norte, nos estertores da Guerra do Vietnã (1963-1975). Em missão solicitada por Hanói, em 1972, o geógrafo, versado no temário geomorfológico, reconstituiu o raciocínio multiescalar realizado pelos militares americanos quando miravam seus projéteis nas bases dos diques que bordejam os cursos d'água locais, com o intuito de solapá-los e causar grandes inundações na planície deltaica (Lacoste, [1976] 2020). Sua denúncia foi replicada pelo jornal *Le Monde* e teve grande repercussão internacional, além de deflagrar um interesse maior do geógrafo em relação ao caráter estratégico de seu saber.

Sob o incentivo do editor François Maspero, Lacoste lançou uma nova revista de geografia, crítica aos moldes tradicionais, e cercado de jovens como Béatrice Giblin e Michel Foucher (Lacoste, 1982b, p. V-VI). Nomeada em homenagem a Heródoto de Halicarnasso (485 a.C.- 425 a.C.), cuja herança intelectual é compartilhada/disputada por historiadores e geógrafos, a *Hérodote* veio a público com um projeto iconoclasta cujo objetivo era realçar como a geografia servia tanto para mascarar relações de poder como poderia ser reapropriada pelos cidadãos a seu favor (*Hérodote*, 1976)⁹. Desde o início, o periódico esteve atento ao vocabulário geográfico utilizado pelos atores políticos, rastreando a origem dos termos e as razões de sua difusão, prática que sustenta até hoje, como no esforço em compreender a consolidação do termo Indo-Pacífico na década de 2010 (Saint-Mézard, 2022).

O fraseado *soixante-huitard* da *Hérodote* dos seus primeiros anos, com uma postura militante que foi atacada tanto pela “direita” como pela “esquerda”, logo deu lugar ao tratamento da política como um objeto de conhecimento a ser esquadrinhado pelos seus atributos geográficos (Lacoste, [1984] 2026; Boyer, p. 297-301). E um dos principais impulsos ao projeto de renovação veio por meio de uma obra cujo título, que causou um certo al-

8 Em 1974, foi publicada a obra *Géographie des frontières*, de Claude Raffestin e Paul Guichonnet.

9 Dentre os aspectos da vida e obra de Heródoto de Halicarnasso que atraíram Lacoste estão suas viagens como uma espécie de *agent de renseignement* pelo Império Persa, a potência que ameaçava as cidades-estado helênicas, o sucesso de seus relatos na Atenas democrática e a sua participação como fundador em de uma nova colônia grega no Golfo de Taranto (Lacoste, 1996, p. 59-81).

vorozço entre os geógrafos franceses, era guiado por uma pergunta crucial: para que serve a geografia? (Vesentini, 1988, p. 7).

No livro *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*, Lacoste ([1976] 2014, p. 69-85) advoga que a geografia era um saber fundamental para o Estado ao longo de milênios, a chamada “geografia dos Estados-Maiores” – termo que o geógrafo aplicou também como metáfora para cúpulas de poder em geral. Contudo, a “geografia dos professores” surgida no século XIX reduziu o campo de ação de seus profissionais, tão anestesiante como a “geografia-espetáculo” da mídia de massas do século XX¹⁰. Logo, os geógrafos deveriam livrar-se do panorama lúgubre ao adotar o método de análise multiescalar, oferecendo aos cidadãos uma ferramenta para compreender os fenômenos e o emaranhado de representações geográficas presentes em seu cotidiano¹¹.

Lacoste (1981, p. 48; 1982b, p. VI) aventou outras duas possibilidades de título para sua obra mais famosa e ambas traduzem o conteúdo de seu “ensaio-panfleto” (1979, p. 71): a) “Crise da Geografia. Geografia da Crise”: o acúmulo de crises na escala global tornava o conhecimento sobre o espaço ainda mais estratégico e resultava na proliferação de representações espaciais díspares, desencadeando um interesse maior dos jovens pelas atualidades e pela política, e colocando em xeque a geografia anódina das escolas e universidades ([1976] 2012, p. 177-181; 207-213)¹²; b) “O Príncipe e o Geógrafo”: era preciso que os geógrafos recuperassem o foco na dimensão espacial da política, fornecendo um método de reflexão que pudesse ser útil aos cidadãos e não mais o monopólio de uma elite, dos “Estados-Maiores” (idem, p. 119-130; 215-227).

O cerne metodológico do livro é a proposta conhecida como *diatope*, expressão cunhada por Maurice Ronai com base nos termos gregos *dia* (“através”, “diferente”) e *topos* (“lugar”) (Lacoste, 1982c, p. 184; [2012] 2014, p. 237). O propósito do esquema é estudar o entrecruzamento de conjuntos espaciais que ocorrem na mesma escala e sua relação com os fenômenos que se desen-

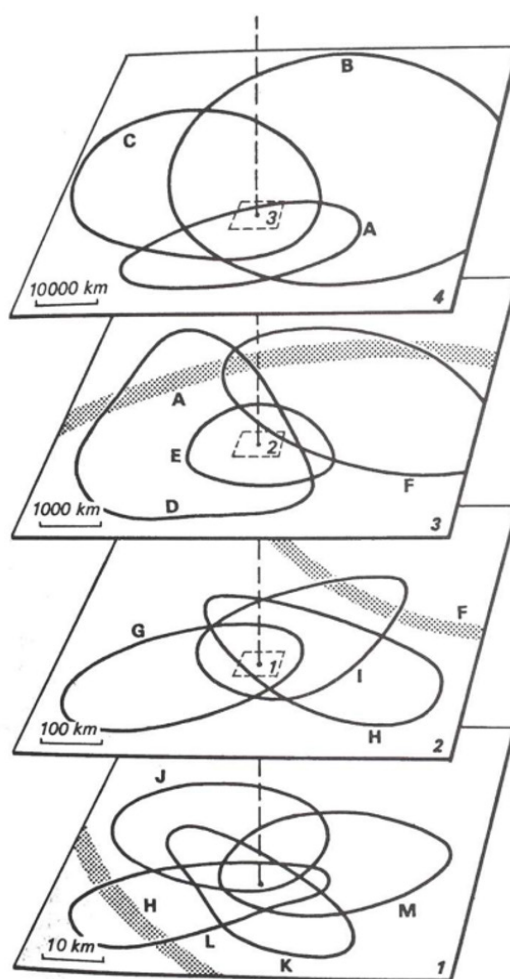
¹⁰ Outras formas de refletir sobre a história do pensamento geográfico podem ser consultadas em Tuan ([1974] 1980), com suas observações acerca das cosmografias pré-modernas, Moraes ([1981] 2007, p. 49-58), que oferece mais detalhes acerca da obra de autores clássicos, e Claval (1982), cujo texto foi publicado na *Hérodote* mesmo discordando das teses de Lacoste (1976b) e serviu como base para a subdivisão proposta por Gomes ([1996] 2003, p. 40-46), entre “os tempos heróicos, a geografia clássica e a geografia moderna”.

¹¹ Para uma análise mais detalhada sobre a escola francesa de geografia, ver Berdoulay ([1981] 2017).

¹² O título “Crise de la géographie. Géographie de la crise” foi utilizado no texto de Lacoste que abriu o número inaugural da *Hérodote*, e que serviu de base para o livro do autor lançado no mesmo ano (1976a).

rolam em níveis de análise diversos (Figura 1). Tal método seria adequado para o número crescente de indivíduos que se deparam no seu dia-a-dia com práticas sociais realizadas em escalas variadas, e com as representações espaciais decorrentes, muito além do antigo *terroir* ([1976] 2014, p. 85-91)¹³. É o mundo de múltiplas redes entrelaçadas a serem desemaranhadas com auxílio da cartografia, pois os fenômenos mudam de acordo com a escala de análise¹⁴.

Figura 1 – A diátope: o método de níveis de análise espacial proposto por Lacoste (1976b)



¹³ Lacoste ([1976] 2014, p. 122; [1984] 2026) teve como uma de suas inspirações para o método dos níveis de análise uma proposta de Jean Tricart, mas também a asserção de Gaston Bachelard, em *O Racionalismo Aplicado* (1949), de que a explicação científica não significa passar do complexo confuso para o teórico simples, pois cabe transitar do confuso ao complexo inteligível.

¹⁴ Castro ([1995] 2012, p. 122) ressalta a pertinência do debate levantado por Lacoste ([1976] 2014), mas afirma do ponto de vista da fenomenologia que o geógrafo limitou-se a observar o termo “escala apenas como medida de proporção entre a realidade e sua representação, indicando um forte raciocínio analógico com a escala cartográfica”, como um “problema matemático” (idem, p. 122-123).

Em 1982, foi lançada uma segunda edição de *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*, cujo posfácio serve para retificar argumentos¹⁵. Após conhecer a obra de La Blache intitulada *La France de l'Est* (1916), de cunho “geopolítico”, Lacoste (1982c, p. 189-204) suaviza a responsabilidade atribuída ao seu predecessor em relação ao pouco interesse dos geógrafos pela política, sem livrar de culpa, contudo, o historiador Lucien Febvre, segundo o qual a geografia deveria se interessar pelo solo, não pelo Estado. Lacoste passa a caracterizar seu combate como o resgate da “geografia fundamental” para expandir o campo da “geograficidade”, oferecendo o exemplo dos historiadores, que não abdicaram do interesse pela política sem necessariamente se entregar aos interesses dos governantes ou ao propagandismo ideológico (Lacoste, 1982c, p. 191; 210-211).

Uma leitura apressada da obra mais famosa de Lacoste, ou o foco exclusivo no título propositalmente estridente, pode levar à conclusão de que é preciso politizar o discurso geográfico a todo custo para se contrapor à despolitização corrente. Contudo, a obra foi lançada na mesma época em que Lacoste fazia a crítica dos imaginários espaciais ligados às mais variadas correntes políticas, como os geografismos da Sierra Maestra e do terceiro-mundismo, utilizando do raciocínio multiescalar como ferramenta. O autor manjava seu método para pôr em relevo os argumentos geográficos simplificadores pulverizados pela política, que podem ser associados ao que Arendt ([1949] 2007, p. 520-522) compreendia como “ideologia”, ou seja, deduções a partir de uma só premissa ligada às supostas leis de movimento da “História”, ignorando as contradições.

Lacoste mantém uma relação ambígua com o marxismo. Por mais que defenda a importância dos seus postulados e o esforço dos geógrafos em adotá-los, Lacoste ([1976] 2014, p. 149-162, 187-194) afirma que o marxismo negligenciou a dimensão espacial da política, com as exceções de Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci, além de ter sofrido com o mal-serviço prestado pelo stalinismo. Para o geógrafo, não era suficiente ser marxista se não houvesse contribuição para a reflexão epistemológica de seu campo disciplinar em crise, e também responsabilidade em relação ao uso que seria feito dos resultados de suas pesquisas de campo¹⁶. O foco na esfera

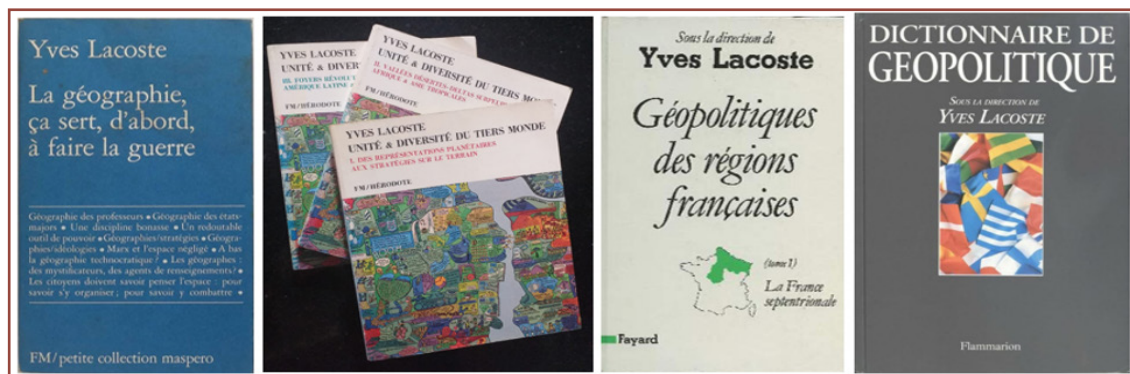
¹⁵ O posfácio é o resultado da reunião de trechos publicados na revista *Hérodote* e que compõem textos sobre Paul Vidal de La Blache e Elisée Reclus (Lacoste, 1979; 1981).

¹⁶ A ética em relação às pessoas interpeladas no terrain era uma preocupação de Lacoste (1977) também expressa nas páginas da *Hérodote*.

da política fez Lacoste se tornar cada vez mais crítico do economicismo e do materialismo histórico ([1984] 2026).

A terceira edição de *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*, de 1985, foi traduzida no Brasil por Maria Cecília França e apresentada por Vesentini (1988, p. 11-12), segundo o qual houvera uma “leitura ‘marxista’ dogmática” da mesma obra no contexto intelectual e político brasileiro, pela disputa entre as geografias “tradicional” e “crítica”. Para o autor, que mostrou apreciar o livro, Lacoste expressou um “certo flerte com Althusser”, adepto de uma visão ortodoxa do marxismo, mas reviu suas posições e se afastou de tal perspectiva ao enfatizar o âmbito político¹⁷. Segundo Vesentini (idem, p. 7), o que se podia concluir, mesmo após as seguidas edições da obra sobredita, era que a “geopolítica, dessa forma, não é uma caricatura e nem uma pseudogeografia; ela seria na realidade o âmago da geografia, a sua verdade mais profunda e recôndita”¹⁸.

Figura 2 – Yves Lacoste, do “pequeno livro azul” à geopolítica



O projeto *Hérodote* adotou o termo geopolítica no contexto de seu retorno às páginas dos jornais franceses, principalmente após a guerra tríplice de 1978-1979 entre três Estados governados por partidos comunistas: Camboja, Vietnã e China (Lacoste, 2012, p. 25; [2012] 2014, p. 43-45). Em 1982, no número *D'Autres géopolitiques*, Lacoste (1982a, p. 4-6) afirmou que o termo geopolítica exprimia a relação entre a política e as configurações geográficas, abrangendo fenômenos tão plurais como a relação entre superpotências, as

¹⁷ A terceira edição contém um prefácio, modificações no texto que diluem o posfácio de 1982, e a adição de alguns artigos posteriores do autor, como o texto *Les géographes, l'action et le politique* (1984), que recém foi objeto de uma nova tradução ao português para a revista *Confins* (Lacoste, [1984] 2026).

¹⁸ Segundo Vesentini (1988, p. 10), houve uma tradução do livro em Portugal, em 1977, pela *Iniciativa Editoriais*, de Lisboa, que logo entrou em falência, o que dificultou a compra dos direitos autorais por outra empresa, atrasando a publicação oficial da obra no Brasil, que se deu apenas em 1988.

lutas de libertação nacional e os debates sobre planejamento. No mesmo ano, a revista mudou seu subtítulo de *stratégies-géographies-idéologies* para *revue de géographie et géopolitique*, uma sugestão que Michel Foucher afirma ter sido dele em suas memórias (2021, p. 281).

A guerra entre Pequim, Hanói e Phnom Penh foi um ponto-chave na desilusão de Lacoste em relação ao terceiro-mundismo, mas sua crítica aos regimes do bloco oriental e seus aliados já vinha de antemão. Em suas viagens a Cuba, em 1968 e 1973, teve contato com o geógrafo Juan Pérez de la Riva (1913-1976), que lhe deu o tom da marginalização da geografia pelos regimes ligados a Moscou, ademais no seu flanco humano. Em 1977, a *Hérodote* publicou o texto em que Lacoste ([1977] 2022) questiona o geografismo – quando o território é tomado como ator – da Sierra Maestra como a “montanha revolucionária”, por meio de uma refinada análise multiescalar, desviando-se do discurso oficial professado por Havana (Anjos, 2022b).

A *Hérodote* passou a ser organizada em dossiês temáticos dedicados a “conjuntos geopolíticos” específicos, priorizados de acordo com os eventos e dramas que pululavam planeta afora, como as guerrilhas na América Central contra os regimes apoiados por Washington, a derrocada do *apartheid* na África do Sul e o início da *perestroika* na União Soviética. Lacoste manteve-se durante um quarto de século como o responsável pelos editoriais da revista, em análises atentas às representações veiculadas pelos atores rivais em diversos *points chauds*, sem deixar de ressaltar sua postura em relação aos interesses nacionais da França. O imaginário sobre a nação e os debates sobre o nacionalismo tornaram-se gradualmente centrais na obra do autor.

Na década de 1980, Lacoste assinou análises sobre os temas mais diversos nas páginas da *Hérodote*, da Crise dos Euromísseis à Guerra Civil Libanesa, da balcanização do Oceano Pacífico aos movimentos que levaram ao fim da Cortina de Ferro. A política interna da França também estava sempre em pauta, como no debate sobre as raízes de direita e de esquerda dos movimentos regionalistas, e a investigação sobre as razões da ascensão do *Front National* (FN), partido de extrema-direita que crescia em paralelo à exclusão social dos imigrantes (Lacoste, 1988). O geógrafo compreendia que a guetificação e a xenofobia dos nacionalistas alimentavam-se mutuamente.

Alguns dos expoentes iniciais da *Hérodote*, como Michel Foucher, dedicado ao estudo das fronteiras, e Michel Korinman, que investigou desde a *Politische Geographie* de Ratzel à *Geopolitik* do general Karl Haushofer, interromperam sua parceria com a revista nos anos 1990. Foucher (2021, p. 128) aponta que

o periódico teria se inclinado a práticas academicistas e mandarinais na sua organização, mas é possível entrever uma divergência teórica, pois o mesmo autor afirma que o apego excessivo à geopolítica levava à dissimulação da geografia, esmaecendo o “geo” em nome do “político” (Foucher, 2010, p. 4-7). Face à postura de Lacoste e Giblin, que consideram como geopolíticos os fenômenos locais e regionais, Minassian (2010) afirma que Foucher vê tal atitude como uma espécie de “pan-geopolitização”. Toda relação entre política e geografia seria mesmo “geopolítica”?

GEOPOLÍTICA NO CALOR DA HORA

Lacoste preferiu empregar o termo geopolítica, e não geografia política, pois considerava que a última ressoava à herança de Ratzel e ao academicismo ([1993] 1995, p. 12). Inspirava-se na *Geopolitik* difundida na Alemanha entre os professores escolares após a Primeira Guerra Mundial, durante a República de Weimar (1919-1933), com debates sobre território e poder em um ambiente democrático que seria dissipado pela ascensão do nazismo (Lacoste, 1990, p. VII, XII). O geógrafo estava atraído pelo precedente de uma geopolítica ligada aos debates entre os cidadãos e não restrita à universidade. Contudo, tal postura não resolve certa confusão terminológica entre os termos geografia política e geopolítica, segundo Castro (2021, p. 12-13), e não convence Costa ([1991] 2013, p. 246), que aponta o teor de *marketing* na escolha de Lacoste.

As nuances da geografia política ratzeliana se tornaram mais conhecidas com o livro *Quand l'Allemagne pensait le monde* (1990), de Korinman, prefaciado por Lacoste, que preferiu reivindicar, mesmo assim, o precedente da geopolítica alemã anterior ao nazismo, e não o autor clássico. Uma possível explicação tem a ver com a busca explícita do geógrafo em difundir as reflexões da *Hérodote* no seio da opinião pública, onde o termo “geopolítica” chegou para ficar, ainda mais com os debates desencadeados pela Guerra do Golfo (1990-1991) na França e além (Lacoste, 1991, p. 5-7). Na introdução ao *Dictionnaire de Géopolitique* [1993] 1995, p. 19-21), em que Lacoste a define como o estudo das rivalidades de poder sobre os territórios, o fim da Guerra Fria e o reforço das liberdades de imprensa e de expressão é associado à importância crescente da geopolítica, por conta da proliferação de representações divergentes acerca do território.

Na ocasião de reivindicar uma afiliação teórica entre os geógrafos Lacoste insistiu em Elisée Reclus, tema de dois números da revista *Hérodote*, em 1981 e 2005; um geógrafo anarquista – e francês. Em Vincennes, quando se depa-

rou com o desinteresse estudantil pela geografia, Lacoste insistiu na postura política libertária de Reclus para atrair a atenção discente, mas o autor posteriormente também deu destaque a outros geógrafos que refletiram sobre o Estado e a política, como Ratzel, Jacques Ancel e Jean Brunhes (Lacoste, 1982c, p. 201-211; 2012, p. 18-21; ([2012] 2014, p. 37, Zanotelli, 2005, p. 33-38). De todo modo, quem serviu de âncora para a história do pensamento geográfico proposta por Lacoste foi Heródoto de Halicarnasso (485-425 a.C.), o patrono de uma linhagem intelectual provinda da Antiguidade (Lacoste, 1996, p. 59-81).

A principal representação geopolítica, para Lacoste (1997, p. 21), era a nação, pensada nos seus atributos territoriais plasmados no imaginário coletivo, tornando-os incontornáveis para analisar os discursos dos atores políticos no âmbito interno ou externo ao Estado¹⁹. No livro *Vive La Nation* (1997, p. 21; 93; 160-187), o geógrafo alerta que a resposta política ao nacional-populismo do FN de Jean-Marie Le Pen deveria ser uma abordagem inclusiva sobre a nação, conservando diversidades culturais sem abrir mão da ideia de unidade advinda de uma história e de uma geografia em comum. Era um recado direto para a esquerda francesa, além da defesa veemente do jus soli, o “direito do solo”, face ao desafio do nacionalismo lepenista.

Em *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*, Lacoste defendeu que o próprio surgimento da “geografia dos professores” no século XIX é indissociável do tema da nação, pela busca escolar de transformá-la em um conjunto espacial engendrado pela natureza, inclusive com o uso da cartografia como símbolo ([1976] 2014, p. 98-100). A nação só se formaria ao se consolidar como fato geográfico. Como destaca Ribeiro Júnior (2023b, p. 510-512), Lacoste (1976c) ressaltou justamente esse ponto no texto *Brader la géographie...brader l'idée nationale?*, reagindo a projetos do Ministério da Educação de reduzir a carga horária de geografia nas escolas durante os governos de Georges Pompidou (1969-1974) e Valéry Giscard D'Estaing (1974-1981).

O interesse de Lacoste (1991; 1993; 1997) pelo aspecto territorial da nação permite vê-la como uma construção histórica e geográfica, dessencializada, mas poderia ter se beneficiado do diálogo maior com outros autores que contribuíram para a análise do tema na mesma época, como Benedict Anderson, autor de *Comunidades Imaginadas* ([1983] [1991] 2008). De todo

¹⁹ A geografia das nações e do nacionalismo é o tema central da maior parte dos textos que compõem o número duplo da *Hérodote* lançado em homenagem aos 50 anos da revista, publicado no início de 2026, poucos meses antes da morte de Lacoste.

modo, sob a direção de Lacoste, a revista *Hérodote* realizou dossiês sobre diversos Estados nacionais durante a década de 1990, como Alemanha, Itália, Rússia, Índia, China, Japão, Indonésia, África do Sul, Estados Unidos e Rússia; o primeiro sobre o Brasil veio em 2000. Os números abordavam tanto temas de política interna e externa como as representações geográficas que modelaram as identidades nacionais, inclusive em zonas de conflito, como na Chechênia e na Bósnia.

A ascensão do nacionalismo e do fundamentalismo religioso em meio aos escombros ideológicos da Guerra Fria deixou sua marca na *Hérodote* dos anos 1990. Lacoste adotou um tom alarmista face à decomposição da União Soviética, não por simpatia ao seu regime, criticado pelo geógrafo desde antes da *perestroika*, mas pelo risco de conflitos futuros em decorrência das fronteiras internas traçadas por Stálin após a Segunda Guerra (Anjos, 2023). O geógrafo alertou sobre o possível ressentimento surgido em meio ao esfacelamento do império, gerando campo fértil para o nacionalismo russo. As tragédias na Iugoslávia e em Ruanda revelaram o quanto a representação geográfica da nação podia ser manejada para justificar atrocidades, e a guerra civil na Argélia reavivou seus alertas sobre o radicalismo islâmico.

Em *La question postcoloniale* (2010a, p. 403-404), Lacoste retomou o debate sobre a nação e dialogou com o campo de estudos conhecido no Brasil como decolonialidade, criticando-o pelo que seria uma visão de mundo maniqueísta e abstrata – que foca na escala planetária. Para Lacoste, os estudos decoloniais não dariam o destaque devido à mudança geopolítica crucial representada pelas independências, e às disputas políticas internas acirradas no interior dos Estados oriundos dos processos de libertação nacional (2010a, p. 405-406). Munido de um senso arguto acerca da complexidade histórica e geográfica das descolonizações, o autor realiza uma análise multiescalar que vai desde os fluxos migratórios globais às *banlieues* de Paris.

Os debates ocorridos no seio da revista *Hérodote* estimularam a escrita ou a organização de vários livros por Lacoste, como *Géopolitiques des régions françaises* (1986), *Questions de géopolitique* (1988) e *Paysages politiques* (1990), no qual o autor insere o conceito de paisagem dentro de suas discussões metodológicas. A obra *Dictionnaire de la géographie: de la géopolitique aux paysages* (2003) demonstra a visão do geógrafo sobre o seu campo de saber como um todo, e um olhar sobre a *longue durée* transparece em *La légende de la terre* (1996). Análises acompanhadas de abundante cartografia sob a forma de diátopes estão presentes em *Géopolitique: la longue histoire d'au-*

jourd-hui (2006) e *Atlas géopolitique* (2007); aspectos biográficos do autor podem ser consultados na série de entrevistas a Pascal Lorot, *La géopolitique et le géographe* (2010), e nas suas memórias, *Aventures d'un géographe* (2018).

Figura 3 – Yves Lacoste, as aventuras intelectuais de um geógrafo



A corrente de estudos ligada à revista *Hérodote* deu origem ao Instituto Francês de Geopolítica (IFG), criado em 2002 na Universidade Paris 8 - Vincennes - Saint-Denis sob a liderança de Giblin, oferecendo a primeira e única formação de doutorado em geopolítica na França. Docentes, alunos e egressos do IFG tornaram-se colaboradores no periódico sobredito, cujos números publicados entre 1976 e 2000 estão disponíveis no portal *Gallica*, e os posteriores podem ser encontrados na página *Cairn.info*. O método multiescalar das diátopes, proposto por Lacoste há meio século, segue vivo nos estudos de atuais ou ex-estudantes do IFG, como Delphine Papin, responsável pelo setor de inovação cartográfica do jornal *Le Monde* (Papin, 2026)²⁰.

Em 2012, foi lançada a terceira edição do livro *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*, acompanhada de um longo prefácio biográfico-in-

²⁰ No século XXI, a direção da *Hérodote* passou de Lacoste para Béatrice Giblin, que deu continuidade ao modelo de dossiês temáticos que abordam conjuntos geopolíticos – do Mundo Árabe ao Indo-Pacífico –, Estados nacionais – como Turquia, Vietnã e Irã –, e questões candentes de cada época, tais quais a pandemia da Covid-19, as mudanças climáticas e o ciberespaço – a “datasfera” de Douzet (2020).

lectual de Lacoste e de novos comentários anexos a cada capítulo. O geógrafo recorda as coordenadas geopolíticas de sua experiência no Maghreb imperial e as comparações feitas como jovem professor entre os processos de colonização francesa no Marrocos e a Argélia, para atrair a atenção de seus estudantes em Argel ([2012] 2014, p. 11-15, 19-20). Lacoste rememorou a relação entre a abordagem que desenvolveu acerca do raciocínio geográfico-geopolítico e os estudos de campo realizados no Alto Volta, em Cuba e no Vietnã, todos reunidos em *Unité et diversité du tiers monde* ([1980] 1984).

Na glosa final da recente edição de seu célebre livro, Lacoste (2014, p. 231-232) resume sua concepção sobre a geografia. Em primeiro lugar, sugere que tal “raciocínio” - ou “saber”, sob influência de Michel Foucault (2012, p. 29) - serve para pensar a complexidade do espaço terrestre por meio de múltiplos níveis de análise. Em seguida, afirma que a geopolítica significa o conjunto de rivalidades de poder sobre o território, conceito que englobaria tanto as relações de poder como as representações mobilizadas pelos indivíduos acerca do passado e do futuro²¹. Logo, se Ratzel propunha em sua *Politische Geographie* que os estadistas teriam muito a ganhar com um *geographischer Sinn*, o “sentido geográfico”, Lacoste defendia que os cidadãos deveriam estar munidos do instrumento de poder que é o *raisonnement géographique*, o “raciocínio geográfico”.

Na segunda metade da década de 2010, tornaram-se mais raros os escritos inéditos de Lacoste. Em janeiro de 2016, o geógrafo perdeu sua companheira Camille Lacoste-Dujardin, etnóloga de notórias pesquisas sobre a cultura do povo cabila, seus contos populares e lutas femininas (Lacoste-Dujardin, 2001; 2002; 2010). No entanto, mesmo após desacelerar a sua produção intelectual, Lacoste não deixou de estar atento aos dramas do mundo, como a Guerra da Ucrânia, declarou Béatrice Giblin (2026b) ao jornal *Le Monde* na ocasião da morte do geógrafo. Segundo a atual diretora da *Hérodote*, Lacoste estimava muito o trabalho da imprensa e sua cobertura contínua da atualidade, sendo um leitor assíduo dos jornais.

Lacoste seguiu até o fim a fórmula de Jean Dresch que tanto estimava: “não há geografia sem drama”. ●

²¹ Sobre o conceito de território e sua historicidade, ver Alliès (1980) e Endel (2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alliès, P. **L'invention du territoire**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1980.

Anderson, B. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, [1983] [1991] 2008, 334 p.

Anjos, V. D. dos. "Atenção, política! Yves Lacoste na crítica ao terceiro-mundismo e aos estudos pós-coloniais". *Terra Brasilis* (Nova Série), n. 15, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/8150?lang=en>.

Anjos, V. D. dos. Yves Lacoste: linhagens do Terceiro Mundo como representação geopolítica. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2022a. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237229>.

Anjos, V. D. dos. "Yves Lacoste e a Sierra Maestra. Um geógrafo contra os geografismos". *Geografares*, nº 35, 2022b, p. 353-376. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/39471/26020>.

Anjos, V. D. dos. "Yves Lacoste: nações e nacionalismo sob o olhar do raciocínio geopolítico". *Anais do Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território (IV CONGEO)*, 2024, p. 1-15. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/ivcongeo/675338-yves-lacoste--nacoes-e-nacionalismo-sob-o-olhar-do-raciocinio-geopolitico-\(1990-2001\)/](https://www.even3.com.br/anais/ivcongeo/675338-yves-lacoste--nacoes-e-nacionalismo-sob-o-olhar-do-raciocinio-geopolitico-(1990-2001)/).

Arendt, H. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. - 7ª reimpr. - São Paulo: Companhia das Letras, [1949, 1951, 1958, 1966, 1968, 1973] [1989] 2007, 563 p.

Berdoulay, V. **A escola francesa de geografia**: uma abordagem contextual. Tradução de Oswaldo Bueno Amorim Filho. – 1ª ed. – São Paulo: Perspectiva, [1981] 2017, 255 p.

Boyer, J.-C. "Hérodote: dix ans, l'âge de raison". *L'Espace géographique*, 15-4, 1986, p. 297-301. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1986_num_15_4_4172.

Castro, I. E. de. **O problema da escala**. In: Castro, I. E. de, Gomes, P. C. da C. & Corrêa, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1995] 2012, p. 117-140.

Castro, I. E. de. **Geografia e política**: território, escala de ação e instituições. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 299 p.

Castro, I. E. de. "Geografia política: o que é afinal e para que serve?". *Espaço & Geografia*, vol. 24, n. 2, 2021, p. 1-26. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/40254/40985>.

Costa, W. M. da. **Geografia Política e Geopolítica**: Discursos sobre o Território e o Poder. – 2.ed. 2.reimpr. – São Paulo: Edusp, [1991] 2013, 352 p.

Claval, P. **Espace et pouvoir**. – Paris: Presses Universitaires de France, 1978, 260 p.

Claval, P. "Les grandes coupures de l'histoire de la géographie". *Hérodote*, n. 25, 2/1982, p. 129-151.

Claval, P. **Géopolitique de gauche**: Yves Lacoste, Hérodote and the French radical geopolitics. In: Dodds, K. & Atkinson, D. (org.). **Geopolitical Traditions**: a century of geopolitical thought. – Londres/Nova York: Routledge, 2000, p. 239-267.

Douzet, F. "Dy cyberspace à la datasphère". *Hérodote*, n. 177-178, 2-3/2020, p. 3-15. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-herodote-2020-2-page-3?lang=fr>

Dresch, J. **Un géographe au déclin des empires**. – Paris: Maspero/Hérodote, 1979.

Dresch, J. & Lacoste, Y. "Il n'y a pas de géographie sans drame". Entrevue avec Jean Dresch". *Hérodote*, n. 33-34, 2-3/1984, p. 33-49.

Elden, S. **The Birth of Territory**. – Chicago: Chicago University Press, 2013, 512 p.

Foucher, M. **Fronts et frontières**: Un tour du monde géopolitique (Nouvelle édition entièrement refondue). – Paris: Fayard, [1988] 1991, 692 p.

Foucher, M. **La bataille des cartes**: Analyse critique des visions du monde. – Paris: François Bourrin Éditeur, 2010, 176 p.

Foucher, M. **Arpenter de monde**: Mémoires d'un géographe politique. Paris: Éditions Robert Laffont, 2021, 336 p.

Giblin, B. "Éditorial". *Hérodote*, n. 200, 1-2/2026a, p. 5-7. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-herodote-2026-1-2-page-5?lang=fr>

Giblin, B. "Yves Lacoste, grand géographe, père de la géopolitique française, est mort". *Le Monde*, 22 de junho, 2026b. Disponível em: lemonde.fr/disparitions/article/2026/06/22/yves-lacoste-grand-geographe-pere-de-la-geopolitique.

Gomes, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. - 4ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1996] 2003, 370 p.

Hérodote. "Attention, géographie!". *Hérodote*, 1/1976, p. 3-7. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5621035h/f10.item>

Korinman, M. **Quand l'Allemagne pensait le monde**: Grandeur et décadence d'une géopolitique. Fayard, 1990, 418 p.

Lacoste, Y. **Les pays sous-développés**. - Paris: Presses Universitaires de France (PUF), [1959] 1960, 128 p.

Lacoste, Y. **Escritos de geografia do subdesenvolvimento (1962-1968)**. Organização, tradução e notas de José Arnaldo dos Santos Ribeiro Júnior. - São Paulo: Lutas Anticapital, [1962; 1966; 1967; 1968] 2026.

Lacoste, Y. **Géographie du sous-développement**. - Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1965, 290 p.

Lacoste, Y. **Ibn Khaldoun**: Naissance de l'Histoire/Passé du tiers-monde. - Paris: François Maspero, [1966] 1981, 278 p.

Lacoste, Y. "Le concept de sous-développement et la Géographie". *Annales de Géographie*, 76, n° 418, 1967, p. 644-670. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1967_num_76_418_15064.

Lacoste, Y. **A Geografia**. In: Châtelet, F. (org.). **História da Filosofia**. Ideias, Doutrinas: A Filosofia das Ciências Sociais (VII). - Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1973] 1974, p. 221-274.

Lacoste, Y. **La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre**. - Paris: François Maspero/Petite Collection Maspero, 1976a, 192 p.

Lacoste, Y. "Pourquoi Hérodote? Crise de la géographie et géographie de la crise". **Hérodote**, n. 1, 1/1976b, p. 8-62.

Lacoste, Y. "Brader la géographie...brader l'idée nationale?". **Hérodote**, n. 4, 4/1976c, p. 9-66.

Lacoste, Y. **Geografia do Subdesenvolvimento**. Tradução de T. dos Santos. - São Paulo: Difel, 4ª edição, [1965; 1976] 1976d, 265 p.

Lacoste, Y. "Uma ilustração geográfica sobre a guerra: bombardeando os diques no rio Vermelho, Vietnã do Norte". Tradução de Guilherme Magon Whitacker e Maurício Bratfish. *Confins* [Em linha], n. 44, [1976] 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/26001>. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.26001>.

Lacoste, Y. "Divers problèmes à propos de l'enquête et du terrain". *Hérodote*, 8, 4/1977, p. 3-20.

Lacoste, Y. "Fidel Castro e a Sierra Maestra. Um teatro de operações escolhido intencionalmente?". Tradução de Víctor Daltoé dos Anjos. *Geografares* [Online], 35, [1977] 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/geografares/6094>.

Lacoste, Y. "À bas Vidal...Viva Vidal!". *Hérodote*, n. 16, 4/1979, p. 68-81.

Lacoste, Y. **Unité et diversité du tiers monde**: Des représentations planétaires aux stratégies sur le terrain (Tomo único). – Paris: La Découverte / *Hérodote*, [1980] 1984a, 570 p.

Lacoste, Y. "Géographicité et géopolitique: Elisée Reclus". *Hérodote*, n. 22, 3/1981, p. 14-55. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb343771523/date1981.liste>.

Lacoste, Y. "D'Autres géopolitiques". *Hérodote*, n° 25, 2/1982a, p. 3-9. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb343771523/date1982.liste.r=>

Lacoste, Y. **A propos de la seconde édition**. In: **La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre**. – Paris: François Maspero, 1982b, p. I-IX.

Lacoste, Y. **Postface 1982**. In: **La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre**. – Paris: François Maspero, 1982c, p. 179-229.

Lacoste, Y. "Os geógrafos, a ação e o político". Tradução por Víctor Daltoé dos Anjos. *Confins* [En ligne], n. 71, [1984] 2026. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/70803#quotation>

Lacoste, Y. **A geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de Maria Cecília França. – Campinas: Papirus, [1976; 1985] 1988. 263 p.

Lacoste, Y. **Contra os anti-terceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas**. Tradução de Maria Cecília França. – São Paulo: Ática, [1985] 1991.

Lacoste, Y. "De la nation". *Hérodote*, n. 50/51, 3-4/1988, p. 3-6.

Lacoste, Y. **Préface**. In: Korinman, M. **Quand l'Allemagne pensait le monde**: Grandeur et décadence d'une géopolitique. – Paris: Fayard, 1990d, p. I-XIV.

Lacoste, Y. "L'Occident et la guerre des Arabes". **Hérodote**, n. 60-61, 1-2/1991, p. 3-22.

Lacoste, Y. "Éditorial. Les territoires de la nation". **Hérodote**, n. 62, 3/1991, p. 3-21.

Lacoste, Y. **Préambule**. In: Lacoste, Y. et al (dir.). **Dictionnaire de Géopolitique**. Paris: Flammarion, [1993] 1995, p. 1-35.

Lacoste, Y. "Nation, nations, nationalistes". *Hérodote*, n. 72-73, 1-2/1994, p. 3-7.

Lacoste, Y. **La légende de la Terre**. – Paris: Flammarion, 1996, 226 p.

Lacoste, Y. **Vive la nation**: destin d'une idée géopolitique. – Paris: Fayard, 1997, 350 p.

Lacoste, Y. **La question post-coloniale**: Une analyse géopolitique. – Paris : Fayard, 2010a. 344 p.

Lacoste, Y. **La géopolitique et le géographe**: entretiens avec Pascal Lorot. – Paris: Choiseul, 2010b, 272 p.

Lacoste, Y. "La géographie, la géopolitique et le raisonnement géographique". *Hérodote*, n. 146-147, 3-4/2012, p. 14-44.

Lacoste, Y. **Préface: Trente-six ans après...** In : **La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre**. – Paris: La Découverte/François Maspero, [2012] 2014, p. 5-52.

Lacoste, Y. **La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre**. – Paris: La Découverte/François Maspero, [1976; 2012] 2014, 250 p.

Lacoste, Y. **Aventures d'un géographe**. – Paris: Équateurs, 2018a, 336 p.

Lacoste, Y. *et al* (dir.). **Dictionnaire de Géopolitique**. Paris: Flammarion, [1993] 1995, 1.718 p.

Lacoste-Dujardin, C. "Géographie culturelle et géopolitique en Kabylie La révolte de la jeunesse kabyle pour une Algérie démocratique". *Hérodote*, n. 103, 4/2001, p. 57-91. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-herodote-2001-4?lang=fr>.

Lacoste-Dujardin, C. "Grande Kabylie : du danger des traditions montagnardes". *Hérodote*, n. 107, 4/2002, p. 119-146. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-herodote-2002-4-page-119?lang=fr>.

Lacoste-Dujardin, C. "Des femmes au Maghreb : regards d'une ethnologue sur cinquante ans d'études et de recherches". *Hérodote*, n. 136, 1/2010, p. 76-99. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-herodote-2010-1?lang=fr>.

Lacoste, Y. & Prenant, A. "Quelques données du problème algérien". *La Pensée*, 67, 3/1956, p. 15-42. Disponível em: gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k58161524?rk=107296;4.

Martins, L. de L. "Friedrich Ratzel hoje - A alteridade de uma geografia". *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 54, n. 3, 1992, p. 105-114. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7115>.

Minassian, G. "La révolution géographique inachevée". *Le Monde*, 2 de agosto, 2010. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2010/08/02/la-revolution-geographique-inachevee_1394819_3232.tml?srsltid=AfmBOorWJsSD8T1KYntI2JbXoeHFukjEhInWNEGuSNeQAr0NX4cWw6xh

Moraes, A. C. R. de. **Geografia**: pequena história crítica. - 21ª ed. - São Paulo: Annablume, [1981] 2007, 152 p.

Papin, D. "Cartographie géopolitique, l'importance du raisonnement géographique". *Hérodote*, n. 200-201, 1-2/2026, p. 75-88. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-herodote-2026-1-2-page-75?lang=fr>

Pedrosa, B. V. **Entre as ruínas do muro**: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH), Universidade de São Paulo (USP), 2013, 361 p. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-24092013-102013/es.html>

Raffestin, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. - São Paulo: Editora Ática, [1980] 1993, 269 p.

Ratzel, F. **La Géographie politique**: Les concepts fondamentaux. - Paris: Fayard, [1897] 1988, 225 p.

Ribeiro Júnior, J. A. dos S. "Yves Lacoste em Argel: afinidades eletivas e a descoberta da obra de Ibn Khaldun". **Geografia em Questão**, v. 16, n. 2, 2023a, p. 117-146. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/29366>. DOI: 10.48075/geoq.v16i02.29366

Ribeiro Júnior, J. A. dos S. **Descolonização, subdesenvolvimento e terceiro mundo**: etapas de formação do pensamento geográfico de Yves Lacoste (1959-1985). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH), Universidade de São Paulo (USP), 2023b. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22022024-205853/pt-br.html>

Ribeiro Júnior, J. A. dos S. "Imperialismo, Revolução Vietnamita e as (auto)críticas de Geografia do Subdesenvolvimento". **Terra Brasilis** [Online], n. 20, 2023c. Disponível em <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/14547>. DOI: <https://doi.org/10.4000/12hn3>

Rosière, S. "Géographie politique, géopolitique et geostratégie: distinctions opératoires". **L'Information géographique**, vol. 65, n. 1, 2001, p. 33-42. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ingeo_0020-0093_2001_num_65_1_2732.

Saint-Mézard, I. "L'Indopacifique des États-Unis ou comment maintenir la primauté états-unienne en Asie". **Hérodote**, n. 184-185, 1-2/2022, p. 285-300.

Sanguin, André-Louis. **La géographie politique**. – Paris: PUF, 1977, 183 p.

Seemann, J. "Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções". *Terra Brasilis* (Nova Série), n. 1, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/180>.

Tuan, Y-f. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira - São Paulo: Difel, [1974] 1980, 292 p.

Verdi, Elisa Favaro. "Yves Lacoste: a geografia do subdesenvolvimento e a reconstrução da geopolítica". **Terra Brasilis** (Nova Série), n. 9, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2286>.

Vesentini, J. W. Apresentação. In: Lacoste, Y. **A geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de Maria Cecília França. - Campinas: Papirus, 1988, p. 7-13.

Zanotelli, C. **Yves Lacoste**: entrevistas. Transcrição de Florence Baltz Zanotelli. – São Paulo: Annablume, 2005, 110 p.

EDITOR DO ARTIGO

Cláudio Luiz Zanotelli

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

claudio.zanotelli@ufes.br

Artigo recebido em: 08/07/2026

Artigo aprovado em: 21/08/2026

Artigo publicado em: 03/08/2026